TODOS OS SANTOS – SOLENIDADE (ANO A)
XXXI Domingo do Tempo Comum
Ap 7, 2-4. 9-14; Sl 23; 1Jo 3, 1-3; Mt 5, 1-12a

COMENTÁRIO

As Bem-aventuranças: o caminho da santidade e a Boa-Nova para os pobres de Deus

Na solenidade de Todos os Santos, a Igreja convida-nos a contemplar a multidão daqueles que alcançaram a plenitude da vida em Deus. O Evangelho das Bem-aventuranças mostra-nos o caminho da santidade, pois revela o próprio rosto de Jesus e indica o estilo de vida dos seus discípulos. Nos santos, reconhecemos aqueles que, deixando-se transformar pela graça, viveram o Evangelho nas circunstâncias concretas da sua existência.
Limitar-me-ei a destacar três aspetos importantes das Bem-aventuranças, a fim de aprofundar o seu significado e acolher mais plenamente a nossa vocação à santidade.

1. Uma cena majestosa

Deve salientar-se de imediato a atmosfera solene que o Evangelista São Mateus quis dar à proclamação das Bem-aventuranças. Aliás, é necessário que cada ouvinte mergulhe "naquele tempo", para ver e perceber toda a solenidade do momento em que Jesus profere o discurso/sermão, a fim de apreciar a importância do ensinamento e depois vivê-lo com reverência e gratidão.

Antes de mais, o lugar da proclamação é a montanha. São Mateus, de facto, explicita: «Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte.» O monte recorda imediatamente o Monte Sinai, onde o próprio Deus entregou ao Seu povo, através de Moisés, o dom da *Torá*, geralmente traduzido como *a Lei*. Ela, todavia, deve ser entendida não só como o conjunto dos mandamentos-preceitos legais a observar, mas também e sobretudo como o conjunto de ensinamentos divinos a seguir. Agora, Jesus está também sobre o monte e é, por isso, o novo Moisés, através do qual Deus dará a *Torá* da Nova Aliança. Por isso, o discurso de Jesus que segue é convencionalmente chamado o "Sermão da Montanha" e considerado correctamente o Manifesto ou a Constituição do Reino de Deus, cuja vinda tinha sido anunciada por Jesus no início do Seu ministério público. É, por excelência, o primeiro ensinamento de Jesus no Evangelho, em ordem numérica ou cronológica e também em importância.

A atmosfera solene do ensinamento é reforçada ainda pela descrição da posição de Jesus antes de falar: «(Jesus) sentou-Se. Rodearam-n'O os discípulos.» Sentar-se com os discípulos à volta é a posição habitual de um mestre (rabino) ao ensinar a Lei divina. Ainda na óptica da solenidade, a descrição do acto de falar de Jesus é também muito significativa: «tomando a palavra, ensinava-os.» Em vez de um simples e imediato "ensinava-os" que teria sido suficiente, o evangelista preferiu a redundância, acrescentando o detalhe "tomando a palavra", que do ponto de vista literal soa ainda mais formal: "abrindo a boca".

É necessário ter em mente esta cena majestosa para melhor apreciar a mensagem das Bem-aventuranças que são o coração do Evangelho, a Boa Nova, que Jesus anuncia com autoridade divina.

2. «Bem-aventurados os pobres...»

O primeiro discurso de Jesus no Evangelho de Mateus abre com a série de oito Bem-aventuranças proclamadas na terceira pessoa do plural ("Bem-aventurados os *pobres*..., porque *deles*..."), seguidas da bem-aventurança conclusiva dirigida directamente aos ouvintes, e que aparece na segunda pessoa do plural ("Bem-aventurados *sereis* quando, [...] *vos* insultarem...").

Também aqui, sobre cada bem-aventurança poderíamos falar sem fim. Por razões de tempo, realçamos apenas a importância primordial da bem-aventurança relativa aos pobres que, de facto, ocupa o primeiro lugar. Trata-se precisamente do coração do Evangelho divino, ou seja, da Boa Nova de Deus, que Jesus traz ao mundo e particularmente aos "pobres", cumprindo a Sua missão de "evangelizar": «Bem-aventurados os pobres *em* espírito, porque deles é o reino dos Céus.»

"Os pobres *em* espírito" são os primeiros destinatários do reino de Deus. Como o próprio evangelista assinala, não se trata apenas do estado de pobreza material, mas sim de uma atitude do espírito. Os pobres são aqueles que não têm qualquer apoio ou segurança na vida, excepto o próprio Deus. São aqueles que apesar de tudo – a precariedade da vida, as tribulações, as opressões – continuam a depositar toda a sua confiança em Deus que salva. Nesta perspectiva, podemos perceber que os pobres *em* espírito são a categoria que abrange todos os tipos mencionados nas bem-aventuranças subsequentes.

Por outras palavras, por um lado, os pobres *em* espírito são os que choram, os que têm fome e sede de justiça, e os que sofrem perseguição por causa da justiça (subentendida divina). Todos eles são abençoados, ou seja, felizes segundo o sentido hebraico do termo, não porque a sua situação de pobreza ou miséria, de choro, fome e sede, ou perseguição seja em si uma coisa boa e louvável, mas porque nessa situação obtêm a graça especial de Deus que se aproxima deles para lhes dar a felicidade do Seu reino, ou seja, da Sua amorosa presença salvífica. Por outro lado, os pobres *em* espírito identificam-se com os humildes ou mansos, os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz ou pacificadores, porque estas são as características das pessoas chamadas no Antigo Testamento *anawim, ou seja,* "pobres" de Deus. Precisamente eles constituem «um povo pobre e humilde», destinatário privilegiado da salvação divina no fim dos tempos (cf. *Sf* 2, 3; 3, 12-13). O estatuto de bem-aventurados que lhes é atribuído é também uma exortação implícita a um compromisso de conversão a estes valores a fim de acolher as realidades salvíficas do reino.

3. Seguindo Jesus o primeiro "Bem-aventurado" e "pobre" de Deus,"O Santo de Deus" (cf. Jo 6,69)

Por fim, devemos recordar que o próprio Jesus, como sublinha São Paulo, se tornou pobre por nós, a fim de nos enriquecer com a Sua pobreza. Eis literalmente as profundas palavras do Apóstolo: «Conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo: sendo rico, fez-se pobre por vossa causa, para que, pela Sua pobreza, enriquecêsseis» (*2 Cor* 8, 9). Jesus é, portanto, o primeiro Bem-aventurado "pobre de Deus" e assim, podemos vislumbrar o Seu perfil em todo o tipo de destinatários das Bem-aventuranças proclamadas. O caminho das Bem-aventuranças não é, na realidade, apenas o seguimento de valores sociais ou éticos, por mais válidos que sejam, mas o seguimento da pessoa de Jesus, o Deus-Homem das Bem-aventuranças, que, como diz São Paulo, «o qual Se tornou para nós sabedoria de Deus, justiça, santidade e redenção» (*1 Cor* 1, 30). Deste modo, tornamo-nos também nós pessoas das Bem-aventuranças divinas, que as vivem e transmitem aos outros, de perto e de longe, tal como todos os santos da Igreja que hoje celebramos.

Continuemos a rezar pela nossa própria conversão e pela conversão de todos ao Reino de Deus e ao Seu Evangelho das Bem-aventuranças:

Ó Senhor, faz-nos sentir ainda e sempre mais o Teu coração totalmente tomado pelo Reino de Deus, bem como o Teu convite cordial à conversão ao Teu Evangelho de paz e amor. Ajuda-nos a viver constantemente esta conversão na nossa vida, para que possamos ser nós próprios, contigo e em Ti, o convite vivo, em palavras e actos, à conversão ao Reino para aqueles que não Te conhecem. E nesta nossa missão de sermos testemunhas de Ti e do Teu Reino, ajuda-nos a nós, Teu discípulos, a estar cada vez mais unidos no Teu amor, superando as divisões existentes nas nossas Igrejas e

comunidades. Que o Teu rosto brilhe sobre nós, e seremos salvos e resplandecentes com a Tua Luz para todo o mundo. Maria, Mãe de Cristo e Mãe dos Seus discípulos, rogai por nós! Todos vós, santos de Deus, rogai por nós! Amém!

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, *Mensagem para o 100° Dia Mundial das Missões* (18 de outubro de 2026), **Um em Cristo, unidos na missão**

[…]

3. Missão do amor. Anunciar, viver e partilhar o amor fiel de Deus

Se a unidade é a condição da missão, o amor é a sua essência. A Boa Nova que somos enviados a anunciar ao mundo não é um ideal abstrato: é o Evangelho do amor fiel de Deus, encarnado no rosto e na vida de Jesus Cristo.

A missão dos discípulos e de toda a Igreja é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo: uma missão que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. Tanto é verdade que o próprio Senhor, na sua grande oração ao Pai antes da Paixão, depois de invocar a unidade dos discípulos, conclui assim: «O amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também» (*Jo* 17, 26). Os Apóstolos, portanto, evangelizaram movidos pelo amor de Cristo e por Cristo (cf. *2 Cor* 5, 14). Da mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires, confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.

Por isso, desejo agradecer especialmente aos atuais missionários e missionárias *ad gentes*: pessoas que, como São Francisco Xavier, deixaram a sua terra, a sua família e as seguranças para anunciar o Evangelho, levando Cristo e o seu amor a lugares muitas vezes difíceis, pobres, marcados por conflitos ou culturalmente distantes. Apesar das adversidades e dos limites humanos, eles continuam a doar-se com alegria porque sabem que o próprio Cristo, com o seu Evangelho, é a maior riqueza a partilhar. Com a sua perseverança, mostram que o amor de Deus é mais forte do que qualquer barreira. O mundo ainda precisa destes corajosos testemunhos de Cristo, e também as comunidades eclesiais necessitam de novas vocações missionárias, que devemos sempre ter no coração e rezar continuamente por elas ao Pai. […]

PAPA LEÃO XIV, IX Dia Mundial dos Pobres, *Homilia,* Basílica de São Pedro, XXXIII Domingo do Tempo Comum, 16 de novembro de 2025

[…]

Quando lemos o Evangelho, uma das frases que todos conhecemos é «Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino do Céus» (*Mt* 5,3). Todos nós queremos estar entre os pobres do Senhor, porque a nossa vida é um dom de Deus e nós a recebemos com muita gratidão.

[…] Quantas pobrezas oprimem o nosso mundo! Trata-se, primordialmente, de pobrezas materiais, mas também existem inúmeras situações morais e espirituais, que muitas vezes afetam sobretudo os mais jovens. E o drama que as atravessa todas, transversalmente, é a solidão. Ela desafia-nos a olhar para a pobreza de forma integral, certamente porque às vezes é necessário responder às necessidades urgentes, mas, de modo mais geral, é uma cultura da atenção que devemos desenvolver, justamente para quebrar o muro da solidão. Por isso, queremos estar atentos ao outro, a cada um, ali onde estamos e onde vivemos, transmitindo essa atitude já na família, para vivê-la concretamente nos locais de trabalho e de estudo, nas diferentes comunidades, no mundo digital, em toda a parte, indo até aos confins e tornando-nos testemunhas da ternura de Deus.

Hoje, o nosso estado de impotência parece ser confirmado, em primeiro lugar, pelos cenários de guerra que infelizmente estão presentes em várias regiões do mundo. Mas a globalização dessa impotência nasce de uma mentira: da crença de que a história sempre foi assim e não pode mudar. O Evangelho, de modo diverso, diz-nos que é precisamente nas grandes perturbações da história que o Senhor vem salvar-nos. E nós, comunidade cristã, devemos ser hoje sinal vivo dessa salvação no meio dos pobres. […]

PAPA LEÃO XIV, Jubileu do mundo educativo, Santa Missa e proclamação de São John Henry Newman como «doutor da Igreja»*, Homilia,* Praça de São Pedro, Solenidade de Todos os Santos - Sábado, 1 de novembro de 2025

[…]

Este é também o sentido do Evangelho das Bem-aventuranças hoje proclamado. As Bem-aventuranças trazem consigo uma nova interpretação da realidade. São o caminho e a mensagem de Jesus educador. À primeira vista, parece impossível declarar bem-aventurados os pobres, aqueles que têm fome e sede de justiça, os perseguidos ou os que promovem a paz. Mas o que parece inconcebível na gramática do mundo, enche-se de sentido e luz na proximidade do Reino de Deus. Nos santos, constatamos este reino a aproximar-se e a tornar-se atual entre nós. Com razão, São Mateus apresenta as Bem-aventuranças como um ensinamento, representando Jesus como Mestre que transmite uma nova visão das coisas e cuja perspectiva coincide com o seu caminho. Porém, as Bem-aventuranças não são um ensinamento entre tantos: são o ensinamento por excelência. Da mesma forma, o Senhor Jesus não é um entre tantos mestres, é o Mestre por excelência. Mais ainda, é o Educador por excelência. Nós, seus discípulos, encontramo-nos na sua escola, aprendendo a descobrir na

sua vida, ou seja, no caminho por Ele percorrido, um horizonte de sentido capaz de iluminar todas as formas de conhecimento. Possam sempre as nossas escolas e universidades ser lugares da escuta e da prática do Evangelho! […]

PAPA LEÃO XIV, Comemoração dos mártires e das testemunhas da fé do século XXI*, Homilia,* Basílica de São Paulo Extramuros, XXIV Domingo do Tempo Comum, 14 de setembro de 2025
[…]
Muitos irmãos e irmãs, ainda hoje, por causa do seu testemunho de fé em situações difíceis e contextos hostis, carregam a mesma cruz do Senhor: como Ele, são perseguidos, condenados, mortos. Sobre eles, Jesus diz: «Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa» (*Mt* 5, 10-11). São mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagam com a vida a fidelidade ao Evangelho, o compromisso com a justiça, a luta pela liberdade religiosa onde ela ainda é violada, a solidariedade com os mais pobres. Segundo os critérios do mundo, eles foram "derrotados". Na realidade, como nos diz o Livro da Sabedoria: «Se aos olhos dos homens foram castigados, a sua esperança estava cheia de imortalidade» (*Sab* 3, 4).
Irmãos e irmãs, durante o Ano Jubilar, celebramos a esperança destes corajosos testemunhos de fé. É uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu martírio continua a difundir o Evangelho num mundo marcado pelo ódio, pela violência e pela guerra; é uma esperança cheia de imortalidade, porque, apesar de terem sido mortos no corpo, ninguém poderá silenciar a sua voz ou apagar o amor que deram; é uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu testemunho permanece como profecia da vitória do bem sobre o mal.
Sim, a deles é uma "esperança desarmada". Eles testemunharam a fé sem nunca usar as armas da força e da violência, mas abraçando a força frágil e mansa do Evangelho, segundo as palavras do apóstolo Paulo: «De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. [...] Pois quando sou fraco, então é que sou forte» (*2Cor* 12, 9-10).
[…] Estes audaciosos servos do Evangelho e mártires da fé «constituem como que um grande afresco da humanidade cristã [...]. Um afresco do Evangelho das Bem-Aventuranças, vivido até ao derramamento do sangue» (S. João Paulo II, *Comemoração dos Testemunhos da fé no século XX*, 7 de maio de 2000). […]

PAPA FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2023 [22 de outubro de 2023]
Corações ardentes, pés ao caminho (cf. Lc 24, 13-15)
[…]
3. Pés ao caminho, com a alegria de proclamar Cristo Ressuscitado. A eterna juventude duma Igreja sempre em saída.
Depois de abrir os olhos ao reconhecerem Jesus na fração do pão, os discípulos partiram sem demora e voltaram para Jerusalém (cf. *Lc* 24, 33). Este sair apressado para partilhar com os outros a alegria do encontro com o Senhor, mostra que «a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 1). Não se pode encontrar verdadeiramente Jesus ressuscitado, sem se inflamar no desejo de o contar a todos. Por isso, o primeiro e principal recurso da missão são aqueles que reconheceram Cristo ressuscitado, nas Escrituras e na Eucaristia, e que trazem o seu fogo no coração e a sua luz no olhar. Eles podem testemunhar a vida que não morre jamais, mesmo nas situações mais difíceis e nos momentos mais escuros.

A imagem de pôr os «pés ao caminho» recorda-nos mais uma vez a validade perene da *missio ad gentes*, a missão confiada pelo Senhor ressuscitado à Igreja: evangelizar toda a pessoa e todos os povos até aos confins da terra. Hoje, mais do que nunca, a humanidade, ferida por tantas injustiças, divisões e guerras, precisa da Boa Nova da paz e da salvação em Cristo. Por isso, aproveito esta ocasião para reiterar que «todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível» (*Ibid.*, 14). A conversão missionária permanece o principal objetivo que nos devemos propor como indivíduos e como comunidade, porque «a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja» (*Ibid.*, 15).

Como afirma o apóstolo Paulo, o amor de Cristo conquista-nos e impele-nos (cf. *2 Cor* 5, 14). Trata-se aqui do duplo amor: o de Cristo por nós que apela, inspira e suscita o nosso amor por Ele. E é este amor que torna sempre jovem a Igreja em saída, com todos os seus membros em missão para anunciar o Evangelho de Cristo, convencidos de que «Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou» (*2 Cor* 5, 15). Todos podem contribuir para este movimento missionário: com a oração e a ação, com ofertas de dinheiro e de sofrimento, com o próprio testemunho. As Pontifícias Obras Missionárias são o instrumento privilegiado para favorecer esta cooperação missionária a nível espiritual e material. Por isso, a recolha de ofertas no Dia Mundial das Missões é destinada à Pontifícia Obra da Propagação da Fé.

A urgência da ação missionária da Igreja comporta naturalmente uma cooperação missionária, cada vez mais estreita, de todos os seus membros a todos os níveis. Este é um objetivo essencial do percurso sinodal que a Igreja está a realizar com as palavras-chave *comunhão, participação, missão*. Seguramente tal percurso não é um fechar-se da Igreja sobre si mesma; não é um processo de sondagem popular para decidir, como num parlamento, o que é preciso, ou não, acreditar

e praticar segundo as preferências humanas. Pelo contrário, é pôr-se a caminho como os discípulos de Emaús, escutando o Senhor ressuscitado que não cessa de vir juntar-se a nós para nos explicar o sentido das Escrituras e partir o pão para nós, a fim de podermos levar avante, com a força do Espírito Santo, a sua missão no mundo. […]

PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Missionários Combonian*os, Sala do Consistório, Sábado, 18 de Junho 2022
[…]
O traço essencial do Coração de Cristo é a misericórdia, a compaixão, a ternura. Não podemos esquecer isto: já no Antigo Testamento, o estilo de Deus é este: proximidade, compaixão e ternura. Não há organização, não; proximidade, compaixão e ternura. Então, penso que sois chamados a dar este testemunho do "estilo de Deus" – proximidade, compaixão e ternura – na vossa missão, onde estiverdes e onde o Espírito vos guiar. A misericórdia, a ternura, é uma linguagem universal, que não conhece fronteiras. Mas vós transmitis esta mensagem não tanto como missionários individuais, mas como comunidade, e isto requer que se cuide não só do estilo pessoal, mas também do *estilo comunitário*. Jesus disse aos Seus amigos: "Pelo modo como vos amais, saberão que sois Meus discípulos" (cf. *Jo* 13, 35), e os *Actos dos Apóstolos* confirmam-no, quando narram que a primeira comunidade de Jerusalém gozava da estima de todo o povo porque as pessoas viam como eles viviam (cf. 2, 47; 4, 33): no amor. […]
Faço questão de salientar que […] tudo deve ser feito na docilidade ao Espírito, para que as necessárias planificações, os projectos, as iniciativas, tudo corresponda às exigências da evangelização, e refiro-me também ao estilo da evangelização: que seja jubiloso, manso, corajoso, paciente, cheio de misericórdia, faminto e sedento de justiça, pacífico, em síntese: o estilo das Bem-aventuranças. Isto conta.

PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral*, Sala Paulo VI, Quarta-feira, 29 de Janeiro de 2020
Catequeses sobre as Bem-aventuranças
Hoje iniciamos uma série de catequeses sobre as Bem-aventuranças no Evangelho de Mateus (5, 1-11). Este texto abre o "Sermão da Montanha" e iluminou a vida dos crentes, e também de muitos não-crentes. É difícil não se comover com estas palavras de Jesus, e é justo o desejo de as compreender e acolher cada vez mais plenamente. As Bem-aventuranças contêm o "bilhete de identidade" do cristão – este é o nosso bilhete de identidade – porque delineiam o rosto do próprio Jesus, o seu estilo de vida. […]
Mas o que significa a palavra *"feliz"*? Por que começa cada uma das oito Bem-aventuranças com a palavra "feliz"? O termo original não indica alguém que tem a barriga cheia ou está bem na vida, mas é uma pessoa que está em condição de graça, que progride na graça de Deus e no caminho de Deus: a paciência, a pobreza, o serviço aos outros, a consolação... Quantos progridem nestes aspectos são felizes e serão bem-aventurados.
Deus, para se doar a nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, talvez os dos nossos limites, das nossas lágrimas, das nossas derrotas. É a alegria pascal da qual falam os nossos irmãos orientais, aquela que tem os estigmas, mas está viva, atravessou a morte e experimentou o poder de Deus. As Bem-aventuranças conduzem-nos à alegria, sempre; são o caminho para alcançar a alegria. Far-nos-á bem hoje abrir o Evangelho de Mateus, capítulo cinco, versículos de um a onze e ler as Bem-aventuranças – talvez várias vezes durante a semana – para compreender este caminho tão bonito, tão seguro da felicidade que o Senhor nos propõe. […]